

# CORREIO PAULISTANO

Folha Liberal, Noticiosa, Industrial e Litteraria

Proprietario — Joaquim Roberto de Azevedo Marques

S. PAULO

Quinta-feira 1 de Fevereiro de 1877

BRAZIL

## CORREIO PAULISTANO

S. PAULO. 1.º DE FEVEREIRO DE 1877.

O desânimo e a indiferença que se vê apoderando de todas as classes da sociedade brasileira, especialmente em relação aos interesses de ordem pública, accusam uma lamentável astenia moral que nas suas naturais consequências é promissora de completa ruína da pátria.

E' necessário debellar esse mal que lende a destruir as forças vivas da nação ora apenas suplidas, e para o conseguimento desse nobre desiderium parecemos sómente poder ser útil a reacção organizada por virtude do esforço comum de todos os homens bons, que estimulando salutamente o organismo social por meio de sua ingerencia nos públicos negócios faria com que o interesse geral predominasse refirgando o egoísmo e a cobiça pessoal que prevalecem actualmente.

O desprezo dos seus direitos políticos por parte do cidadão é um crime do lessô patriotismo por favorecer aos especuladores que delles se aproveitam para satisfazer seus desejos insaciáveis em prejuízo do bem comum.

Assim, posto que a reforma eleitoral seja uma grossa mystificação do poder em ódio à geral aspiração do povo que com instância exige a eleição directa, como sobrejamento maior; o recente resultado das urnas, nem por isso devem ser abandonados os processos eleitorais, quando mais não seja para a fiscalização dos abusos que nelas sóam dar-se e para patentear a imprestibilidade do sistema adoptado, afim de acelerar sua substituição.

O retrahimento unicamente protege os mystificados prolongando a existência do regimen eleitoral condenado pel. opinião publica.

Estas considerações nos foram sugeridas por um facio assás expressivo que acaba de dar-se na cidade de Vassouras e que nos é relatado pelo *Município*, jornal daquella localidade, do modo pelo qual os nossos leitores verão da leitura desse escrito, que em seguida transcrevemos:

Respeitamos a intenção dos illustres cavalheiros que se encararam de trabalhar na junta de revisão de votantes, significando dest'erte a sua pouca ou nem uma confiança nessa formalidade da lei, mas julgamos que esse seu acto não tendo por certo muitos imitadores constituirá um protesto isolado, aliás notável, que não dará resultados profundos.

Entretanto como o acontecimento aparta-se do que

é seguido comunmente registram-nos como mais uma prova cabal do desprezo que inspira a nova reforma eleitoral.

Eis como se exprime o aludido jornal:

25 de Janeiro de 1877.

### A JUNTA MUNICIPAL DE QUALIFICAÇÃO

Como já anunciamos, a junta municipal tinha de reunir-se no dia 23 do corrente no paço da câmara municipal, para encetar os trabalhos da revisão; mas adiamente compareceram douz membros, o sr. Florencio Melo, presidente, e o sr. Ignacio Avellar, porque o terceiro membro o dr. Assis e Almeida deixou de comparecer, pedindo por ofício a sua exoneração, visto que o seu estado de saude não lhe permitia affrontar o arduo e longo trabalho da revisão.

Em consequência, passaram os douz membros restantes a fazer a eleição do terceiro, na conformidade da lei, porque, não se tratando de impedimento temporário, não era cabível o chamamento do suplente. Foram sucessivamente eleitos e recusaram a eleição, por diferentes motivos, os srs. drs. Silveira Coelho, dr. Zamith, capitão Carlos Alvim e Ernesto Alvarenga.

Estando já muito adiantado o hora para proseguir-se na eleição, expedição de ofícios de convite a espera de respostas, o presidente suspendeu a sessão, designando o dia seguinte para a continuação dos trabalhos. Effectivamente reuniram-se os douz membros no dia 23 e iniciaram, porém de-bilde, na louvável tentativa de completar a junta, augmentando-se ainda a dificuldade com a circunstância inesperada da recusa do sr. Souza Sobrinho, membro suplente da junta e que nesse dia oficialmente pediu também a sua exoneração.

A eleição portanto tinha então de recair sobre dois cidadãos para membro e suplente da junta. Foram eleitos os srs. dr. Andrade, e A. Augusto de Lima, que responderam encarregando-se de solicitar a nomeação; em seguida foram eleitos os srs. dr. Souza Pinto e Gustavo Machado, que igualmente se recusaram.

A vista de todas essas ocorrências, que foram consignadas nas actas, e na impossibilidade de completar a junta, o seu digno presidente suspendeu os trabalhos e offidiou à presidência da província solicitude providencias a respeito.

Ainda uma vez revelou-se o reconhecido bom senso do povo vassourense protestando indirecta e lícitamente contra a novíssima lei eleitoral de 20 de Outubro de 1875, protectora de sophismas, duplicatas e depuradas.

Nas recusas acima apontadas não predomina o tâncubo espírito de partido, porque os cavalheiros eleitos pertencem indistintamente ao partido liberal e ao conservador, mas nenhum quis prevalecer-se da oportunidade para alcançar vantagens ao seu partido. Entretanto são quasi todos elles cidadãos provados no exercício de cargos gratuitos, sempre promptos à aceitação e à desempenhal-o com d-dicção.

Se na presente conjunctura mostram tão tenaz relutância, deve-se crer que é por estarem intimamente convencidos de que, depois de um trabalho enfadonho e prolongado, depois das farsas despesas indispensáveis para darem a auxiliar ao secretário, não de chegar á um resultado necessariamente imperfeito ante as

exigências impossíveis da nova lei, e portanto à uma annullação inevitável e desde já prevista.

O povo de Vassouras é coherente; tendo representado aos altos poderes do Estado, por intermedio de sua municipalidade, pedindo com instância a decretação da eleição directa, não pode conformar-se com uma lei incha de imperfeições, e que produziu em todo o império os mais deploráveis resultados.

Neste caso a resistência pacífica é legal e decorosa.

## REVISTA DOS JORNAES

Capital, 31 de Janeiro de 1877

*Diário de S. Paulo* — Parte oficial. Extracto da sessão de 27 do corrente na câmara dos deputados, na qual foi votado o parecer da 2.ª comissão de poderes sobre os representantes desta província. Sesão da câmara municipal de 18 do corrente. Notícias da corte. A meus discípulos (versos) por H. F. Gazotilha na sua notícia que acabá de chegar a esta capital o sr. dr. Francisco Alves dos Santos, deputado provincial.

*A Província de S. Paulo* — Artigo editorial sob a denominação — Tracos da situação — Relatório da diretoria do Instituto D. Anna Rosa. Notícias da corte. Secção livre. Notícia, etc.

*Tribuna Liberal* — Artigo editorial intitulado — Os subdelegados de tuga da Relação — fazendo saliente a condenação do procedimento dos desembargadores Uchôa e Faria, da Relação de S. Paulo, levada pela comissão de verificação de poderes na câmara dos deputados, toda composta de corregidores desses douz magistrados, no parecer sobre as eleições desta província. Carta de Timandro a José Bonifácio. Notícia, etc.

*A Sentinela-Traz* — artigo editorial pretendendo provar que o partido católico político é uma necessidade social. Artigo de colaboração com o título — Será possível que Deus escolheu Lutero e Calvino para reformarem a Igreja? Variedade — O espiritismo, Philosophia — dos signos da linguagem em suas relações com o pensamento. Bibliographia. Notícias da corte. Telegrammas do exterior. A pedido. expediente do bispo. Notícia, etc.

*A Folhetim* — (204) — Depois de meia hora de repouso em meio de um profundo silêncio, metà hora de solidade e de tormento para os empertigados cortezas que se achavam em presença de rainha de Castella, apareceu o príncipe das Astúrias.

Vinha pálido como a neve e os cabellos caíam-lhe desordenadamente sobre os hombros. Um ralo de tâncubo de castanha descia-lhe em grandes prégas até meio da perna. Esta saia era enfeitada com grandes ramos negros que duplicavam o efeito do transtorno que o seu aspecto e o seu traço indicavam, e apesar de certo sorriso que lhe assomou aos labios, aquella sorriso penetrava em todos os corações como uma coisa sinistra que gelou de terror a todos os que conheciam a fundo o interior do príncipe.

Se na presente conjunctura mostram tão tenaz relutância, deve-se crer que é por estarem intimamente convencidos de que, depois de um trabalho enfadonho e prolongado, depois das farsas despesas indispensáveis para darem a auxiliar ao secretário, não de chegar á um resultado necessariamente imperfeito ante as

de maus sem conta. Andando na perseguição de um vendo, vi que uma de vossas damas atravessava um atalho sem poder domar o seu cavalo. Este ia infelizmente desbocado, e eu com o desejo sincero de a salvar precipitai-me atrás della. Corremos com a rapidez do reio, travassamos o bosque, o cavalo chegou a uma fortaleza na qual se introduziu, e pouco depois cheguei eu. Em seguida, sem saber como, vim-me acometido por aquele homem.

Senhores, disse a rainha mordendo os labios, bem ouvi. O assassino encontrou a occasião mais favorável para consumar o seu terrível projecto. Conheceis quem elle fosse?

Sim, senhora. — Era o conde de Miranda?

Ele mesmo.

Os cortezas olharam uns para os outros fingindo um assombro que não lhe haviam.

Cuidado! cravou os olhos na rainha, e oito sem um estremecimento interior que debalde quis disfarçar.

Este nome que ninguem se atrevia a pronunciar, preferido tão claramente por Isabel, foi repetido por todos os bocas.

— O conde de Miranda, prosseguiu a rainha, tem sido um eterno inimigo das leis e agora declara-se contra a nossa família. Ao mesmo tempo parece haver certa complicidade de parte da dama que principalmente figura neste successo, é que um plano premeditado, pleno obscuro e temeroso que não passou do conhecimento de ambos os conspiradores, foi o que originou um tal intento. Qual é a vossa opinião, senhores?

O médico, tornou a falar Isabel. — Parece-me, exclamou um cortezão, que essa observação com que voas alteza acaba de nos esclarecer é uma prova valente que ha de esclarer o enigma em que se acham envolvidos os sucessos de ante-hontem.

— A prova mais segura de que houve combinação entre o conde e essa dama, disse o príncipe com o coração reddenado de odio, é que o conde de Miranda esteve há quatro dias desfazendo em Escalona, segundo as informações que pode obter.

— É coisa clara, observou um terceiro, que o conde abandonado esse ponto é porque já estava traçado o projecto.

— Existe uma outra prova mais segura. A dama que estava demasiado nos braços do conde é D. Beatriz de Silva, a como todo o mundo sabe, D. Beatriz tinha amores com o conde de Miranda.

Todos fizram um gesto de fingido horror.

— Amores consumado, infelizes, redarguiu Ciudad Real que não podes por mais tempo falar calado.

— Hugo-vos que embora calado, exclamou a rainha fazendo-se mais pallida ainda.

— Não sou calado, senhora, quando trato de deixar a virtude e a inocencia.

## LITTERATURA

### Utopias

(A PROPOSITO DO CONFLITO ORIENTAL)

Acompanhando o desenvolvimento da questão do Oriente com o interesse que nos desperta todos os fenômenos sociais, muitas vezes temos pensado se no século XIX estará reservado para a raça slava o mesmo papel que no século V coube à raça germanica.

Será porventura arrojado ou ridículo este pensamento; mas, em uma época em que tudo se discute por effeito da profunda revolução que se opera no espírito humano, ser-dos-ha sem dúvida desculpado alongar a vista e sondar o futuro.

Nós perguntaremos se, em tempo mais ou menos proximo, a Europa terá de ser invadida pelos slavos. Não ignorarmos que as épocas das grandes invasões e dos profundos descalabros sociais passaram; a humildade hoje resiste às grandes crises por meios mais brandos e mais infallíveis.

Este resultado, a que chegamos, ou antes, esta lei que hoje se manifesta tão claramente, pode comitudo admitir exceções, como se tem visto neste século; nem todas as questões se tem resolvido por meios suaves, porque, ao arbitrio dos despoticos soberanos das nações e de uma diplomacia aliena ao bem da humanidade, ainda se não oppoz o poder soberano dos povos.

Não podemos, poi, em absoluto rejeitar a hypothese de uma conflagração europeia análoga à trupção dos barbares do séc. VI. Creio mesmo que, se compararmos o estado actual da sociedade com a do império romano e a raça slava com o elemento germanico invasor, encontraremos dados suficientes, que fundamentem a nossa suposição.

Por comparar a sociedade romana de outr'ora com a actual sociedade europeia, não tentarei estabelecer paralelo, pois o não ha, visto ser a civilisação moderna uma consequencia da civilisação romana e representar na escala dos sucessos humanos um progresso relativamente idêntico ao da civilisação romana sobre o Grecia.

A civilisação da humanidade, isto é, o harmonioso conjunto da religião, arte, literatura e política, tem-se desenvolvido nas sucessivas paragens do homem na trajectoria de iste a oeste, que elle ha seguido do coração do Oriente para a Europa. Em cada ponto onde elle permaneceu, aperfeiçoou a religião, harmonizando-a com a razão, tornou a política mais conforme com a justiça e a liberdade, desenvolveu a arte com as aspirações do espírito humano, e, por consequencia, a literatura, reflectindo todos aquelles profundos aperfeiçoamentos, tornou-se mais opulenta.

Não ha, pois, paralelo entre essas phases sucessivas e diferentes.

A sociedade no tempo do império romano, isto é, o mundo civilizado estava sob o domínio das aguas Imperiales; havia um só estado, era Roma, que no seu grande poder de assimilação, conquistou quasi a totalidade do orbe conhecido, um só direito, o direito romano. Ao norte do império agitavam-se confusamente os elementos barbares, que na rudeza das suas instituições civis e religiosas esperavam o momento proprio para

— O que dizes!

— O que o coração me dicta. D. Beatriz da Silva é incapaz de conceber a mais pequena idéia que tenha por fim commetter a accão de que a accusam. Os seus pensamentos, sempre puros, não podem imaginar esses planos de morte e de cumplicidade que vós vêdes através de um prisma sombrio da vossa imaginacão. É verdade que ama e tem amado o conde de Miranda, porque ambos se tornaram dignos um do outro. Eu tenho as minhas provas, que reservo para os salvar no caso de que um tribunal inexorável oferecesse um castigo e um verugo a tão inocentes victimas.

Todos fizram a vista no atrovió medico. A rainha por duas ou tres vezes tentou levantar-se, o príncipe olhou para elle com ar desconfiado e por um instante ninguem se atreveu a responder-lhe.

Passado bastante tempo Isabel, disse em tom balbuciante:

— Não me causa estranheza, medico, que defendas D. Beatriz e o conde de Miranda, porque é sabido que para a primeira tendes sido um pai e para o segundo um amigo. Tenho de vos, por defenderdes um nefando tão triste; mas como rainha não posso deixar de fazer com que a justiça tome conhecimento da agravura de antes hontem. Todos viram o príncipe cairido por terra, e o conde segurando-o com umas das mãos pelo pescoço, em quanto que segurava com outra o punhal que ia enterrá-las no coração. E' este crime que não pôde ficar impune, quando mesmo o motivo fosse outro. Porque neve caio a lei seria uma burla e os tribunais uma irrisão. Além disso a noticia já chegou ao conhecimento do povo e este está agitado e comovido, pedindo um castigo imediato para o roubo da vida do príncipe, do descendente de seus gloriosos reis.

— Porém, antes disso, senhora, repetiu Ciudad Real, é preciso que todas as provas se tornem mais claras que a luz do dia; é preciso investigar os factos antes que um tribunal mande levantar o paúbio, porque depois... Vossa alteza ha de comprehender que este depois é quando já não houver remedio? Quando a cabeça do conde já estiver separada do corpo? Estão feias as nossas corações, que serão os verdadeiros juizes; Eles o remorso que será outro verðo; ficas o arrependimento que sera uma vida cheia de dores e de angustias, porque não se poderá voltar atrás. Eu sei que elles estão innocentes. Se morrerem são mártires de outras intrigas e outros mausjos; se morrerem é pela força de outros sentimentos, que a lei lhes fará positivos, como vós acham de dizer, e ficaremos nós para lhes pizermos a sepultura; então haveremos de querer remediar aquilo que por uma fatalidade extraordinaria, queremos agora levar a cabo.

— (Contin.)

## FOLHETIM

(204)

### CIUMES D'UMA RAINHA

ROMANCE POR

Tarrago y Mateos

CAPITULO XCIV

Aonde chega o coração de uma mulher com ciúmes

A rainha entrou na sala do conselho.

Aposse de muito espessas este sala tinha certo aspeto sombrio e aterrador que regolava a alma.

Havia de antemão preparado um estrado em que se

## TRANSCRIÇÃO

## A Situação

(Da Província do Recife)

Ha períodos calmos na vida de um país, verdadeiramente assustadores para os que examinam attentamente o trabalho lento da elaboração social. Na tranquilidade da superfície transparece apenas o agitar confuso de um descontentamento profundo. Os governos podem se iludir com a calmaria aparente, mas os que se conhecem no coração do povo sentem um calor intenso, um anseio, ainda que vago, por um melhor estado de coisas, por uma gestão mais profícua dos negócios públicos, de modo a permitir a liberdade individual se expandir no desenvolvimento da prosperidade nacional.

De tudo isto vemos de um lado raças que chegadas a certo momento necessitaram ampliar-se; de outro, um poder forte, que representava a civilização, que symbolizava o direito e que, contudo, não pôde evitar a derrota; entre estes duas forças, uma superior, o christianismo que havia de mais tarde reconciliar vencidos e vencedores.

Vejamos agora actualidade.

A Europa civilizada está fracionada em um grande numero de estados, quasi todos sujeitos à realeza, mas aspirando também a emancipar-se desse jugo, que, além de coartar a liberdade dos povos, separa os que venceram para viver juntos e forçam a unirem-se os de espírito e tendências opostas.

Debaixo deste ponto de vista os povos de agora, como os do tempo romano, odeiam as instituições que os aviltam e asphixiam; portanto há nelas a mesma facilidade em se unirem com uma raça invasora como houve nos povos do século V.

Pelo lado da desmoralização não estamos inferiores à decadência romana; não temos um poder central, mas tantos como os estados; esses poderes despratigiados de há muito, devem sua conservação à força bruta e à ignorância geral. O espírito religioso, as crâncias profundas desapareceram e, assim como em Roma o paganismos foi desvaneceu, também a igreja christiana entrou no período de decomposição e os restos de poder que conserva são devidos a exíguas sobremanas dos seus chefes.

Como no século V, estamos em período de transição para uma nova religião e esta será a da sciencia aliada à philosophia positiva.

Como vemos, tanto hoje como outrora, não ha o espírito de unidade que fortaleça a Europa para resistir a uma invasão. Roma caiu por falta de uma burguesia; esse elemento temido hoje, mas vejamos se nos podemos salvar.

Se no tempo romano houvesse burguesia, ella estaria do lado da classe superior, porque então a pobreza completamente desmoralizada como estava no tempo do imperio não atrairia a burguesia nem lhe dava garantias para uma aliança segura.

Háje, ao contrário, sejam quais forem os defeitos da burguesia, quando mesmo aparentemente sustenta a Egreja e o Estado na occasião do perigo, reunir-se-ha o povo, porque elle é hoje verdadeiro soberano, puro, activo, trabalhador, que se educa rapidamente e prepara um futuro onde será elemento poderoso pelo lado científico e industrial.

Comparados os povos de hoje, com os povos romanos vemos aquelas o que se deu nestas, uma tendência, mas da que isso, uma necessidade fortissima de transformarem as suas velhas, caducas instituições, religiosas e políticas, que não satisfazem as suas aspirações morais e materiais, cada vez maiores e mais veementes. Todas estas justíssimas exigências abrangem qualquer povo que se auxilia. A civilização moderna, poderosa civilização pelo auxilio da sciencia, prepara-se também a dar uma direcção segura ao espírito humano no momento em que elle surja, não como escravo, mas como sephor absoluto dos seus destinos.

Depois de comparado o estado moderno da Europa com o de tempo em que dominava Roma, analysemos as raças invasoras do século V e a raça slava de hoje.

As raças germanicas, selvagens, com uma religião ainda no estado rudimentar, alheias todos os progressos da civilização e regendo-se por um direito imperfeito, ainda que em alguns pontos superior ao direito romano, sentiam aquela mysteriosa necessidade que em certos períodos fôrça os povos a alargarem o seu circulo de existencia e a expandirem-se por novas regiões. Esta necessidade seria illa, sómente da falta de subjetividade e da acumulação de povos em um acanhado espaço? Era mais do que isso; era a intuição vaga de uma raça que sentia em si superioridade sobre todas as outras.

Tão verdadeiro era isto, que elles violentamente se apoderaram do mundo romano e após séculos se transformaram na raça moderna europeia, restituindo aos povos exaustos vida exuberante, que os tem animado por bastantes séculos.

A actual raça slava, bem superior ao elemento barbaro, é das do ramo indo-europeu, que maior unidade tem conservado. Mais elevada na religião, na literatura e em todos os raios do espírito humano, não está como os germanos no estado rudimentar, mas, ao contrario, em uma civilização quasi igual à da Europa.

Mas, como a germana necessita também alargar a esfera da sua sociabilidade, e a crença de uma missão superior nos destinos humanos alimentada pela firmeza de animo, d'á a raça slava a convicção da superioridade, que sem dúvida achara também nas raças invasoras do século V.

Mostramos, ainda que rapidamente, que, assim como a sociedade romana, chegada a certo período, necessitou do auxilio de novos elementos para conservar a arca santa onde se agrupavam todos os bens-ídolos das civilizações, também as sociedades modernas precisam de novas forças que as façam entrar em uma phase superior de progresso; também é mos que, como existira entre os barbares, também ha entre os slavos a mesma necessidade de se alargarem, a mesma crença no seu futuro predominio europeu, e tanto maior quanto esta raça é poderosamente assimiladora.

Tudo nos indica, a pensarmos em uma proxima invasão slava, que, a efectuar-se, não terá o character selvagem e barbaro da do século V e ter-lhe-á de superiorizar os seus effeitos.

A força que outrora harmoniou as raças barbares com os povos romanos foi o christianismo; elle subsumiu as religiões informes e rude, o naturalismo pantheista das raças indo-europeias, pelo monoteismo aperfeiçoado por um dos ramos da raça semítica. Hoje entre a sociedade civilizada da Europa e a raça slava, ergue-se deslumbrante uma religião nova, para enlevar todos os povos n-b a mesma fé, sob o mesmo sentimento de fraternalidade e de liberdade.

Esta religião é a philosophia positiva, filha do espírito sci-entifico do século XIX, que se desenvolveu rapidamente na Europa e transformou, como outrora o christianismo, a civilização do mundo.

(Extr.)

Adherindo o Club a esse pensamento brevemente será mencionada essa conferência.

**Córtex** — Hontem recebemos folhas da córtex que adiantam apenas um dia. O que julgamos de interesse publicamos em outro lugar da folha.

**Abertura da assembleia geral** — Hontem já numero suficiente de deputados presentes e reconhecidos, a mesa da camara dos sr. deputados ia officiar ao senado e ao governo, assim de sabor dia, hora e lugar em que S. A. a regente imperial se digna de recorrer a deputação da camara, que tem de pedir a mesma augusta senhora a designação do dia e hora da missa do Espírito Santo na capella imperial, e do dia, hora e lugar da abertura da assembleia geral.

Foram o mediodia para aquella deputação os sr. Costa Pinto, Barão de Villa da Barra, Barão de Aquino, Portella, A. Nogueira, Mello Rego, Martin Francisco, S. França, A. Monteiro, P. Lima, Dantas, Costa Pereira, Duarte de Azvedo, Leandro Maciel, Hermogenes, Esperidião, Moura e Albuquerque, C. da Luz, Mello Mallos, Flores, Severino Ribeiro, Antunes, Cunha Letão e S. Meodes.

**Telegrammas politicos** — Eis os que publica o Journal do Commercio de 30:

Paiz, 21 de Janeiro :

SS. MM. o Imperador e a Imperatriz do Brasil desembaram com felicidade em Messina, e visitam actualmente a Sicilia antes de prosseguirem na sua viagem para Roma.

— 23 de Janeiro :

Como a atitude da Turquia o fazia presentir, dissolveu-se a conferencia sem nada ter concluido. Confirmou a declaração já feita a 26 de Dezembro para o caso da Porta recusar aceitar as decisões propostas pela conferencia, os ambasaiadores retiraram-se de Constantino-pôla, levando ainda a esperança de que o governo otomano se entenderá com as províncias insurretas (Servia e Montenegro), e que a paz não será mais perturbada.

**Julg de paz de Santa Ephigenia** — Comunicam-nos que as audiencias deste juiz no mesmo lugar das quotidianas, ou no dia anterior sendo aquele feriado, às 4 horas da tarde. O mesmo juiz despecha em todos os dias utiles às 10 horas da manhã, na casa n. 8 da Iadeira de Santa Ephigenia.

**Processo Capistrano** — No dia 30 compareceu à barra do tribunal o réu Antônio Alexandre Pereira; tendo por defensores os sr. drs. Antônio Ferreira Viana, Jansen Junior, Pesciliano Freire, João Pereira Monteiro, Alexandre Cardoso Furtado, Carlos Perdigão, Carlos Augusto de Carvalho, Segadas Viana, Julio Cesar Augusto do Carmo.

Funcionou por parte da justiça o sr. dr. José Pinto Ferreira de Oliveira, promotor ad hoc.

A sorte designou para conselho os sr. Guilherme José de Vargas, José Ayres Pimenta, Ricardo Pereira da Costa, Evaristo Xavier da Veiga, Antônio de Souza Mello Alvim, Antônio da Costa Barros Maceiras, Quirino Epifanio de Freitas, dr. Antônio Dias da Costa, Galindo Luiz do Amaral, Florindo Joaquim de Silva, Antônio Pires Durão, José Franco Borges. Durante o sorteio foram recusados 11 jurados por parte da accusação e 6 da defesa.

O réu é brasileiro, natural da Bahia, de 23 annos de idade, solteiro, estudante da Escola Politécnica e sabe ler e escrever, e responde pelo crime de homicídio praticado em João Capistrano da Cunha, no dia 19 de Novembro do anno passado.

Perante o jury declarou Pereira que os seus advogados, que se ofereceram espontaneamente para o defenderem, se incumbiram de fazer a defesa, nada podendo dizer por preferir o silêncio à revelação de factos tão íntimos e cuja recordação muita o angustia.

Entretanto declara que no dia 19, às 6 horas, descedeu de Santa Theresa, onde morava, para falar a um amigo, depois de conversar com este, e recobrando a conversação sobre o facto que o preocupa, tivera occasião de saber não só de circunstâncias, que muito o encomodaram, como de occurrences havidas depois da absolvição de Capistrano no dia 16 do referido mês.

Que quando descedeu para almoçar, não trazia plano algum formado, mas que, deparando na casa de negócio de Lessa, Moreira & C., com um artigo no Journal do Commercio, em que o dr. Busch Varella agradecia as manifestações feitas, não pôde resistir a dizer, que o dominava, ao ver o nome de pobre vítima sua irmã, posto que obscuro, exposto ao desprezo publico. Que então preferiu procurar substituir o nome da vítima pelo seu, e tomou a resolução de fazer anônimo.

Feita a recusação, obteve a palavra o dr. Jansen Junior, que deduziu a defesa do réu.

Enquanto falava o defensor, houve por vezes vozaria e pronunciamento de opiniões entre as pessoas que se achavam nas galeries, mas foram elas chamadas à ordem pelo dr. presidente do tribunal.

Depois da réplica da promotoria publica, falou em ultimo lugar o dr. Antônio Ferreira Viana.

Suspenderam, ento o dr. presidente a sessão por alguns minutos, não só para que repousassem os membros do conselho, como por ter sido acompanhado de uma syncope o sr. dr. Ferreira Viana.

A 6 horas, voltando o conselho com as respostas aos quesitos, respondendo afirmativamente por unanimidade as escusas e justificativas do art. 14, foi o réu absolvido.

O dr. juiz de direito appeliou da decisão do tribunal.

**Chelas em Portugal** — Das folhas de Lisboa extrahemos o seguinte :

O combate das 6 horas da tarde de ante-hontem 6 de Janeiro teve de voltar para a estação, em consequencia dos estragos do carri, motivados pela inundação das águas em Sacavém.

Os de 9 de noite e 5 de manhã não chegaram.

Continuem a estar intermitentes as estradas de Benfica, S. Rio e Palhares.

Em Braga absteve a ponte da estrada dos Arcos, que só passagem para a ca-a de Agrela. Há pouco tempo que tinha sido construída.

Abateu a casa n. 13 das escadarias do Monte, onde morava o sr. Quiterio Antônio Martins com sua mulher e tres filhos, ficando sem parte dos tristes morais e roupas que possuam.

Os moradores da casa n. 26 e 28 da rua da Boa Vista ao Monte, tiveram que abandonar por ameaças proximamente.

Calciam-se os prejuízos causados pelos temporais no distrito de Beira, a meia do Dzembro ultimo, em 222.000. Só os do concelho de Barcelos estando organizados em 70.000.000.

Contudo em Faro o temporal de feito, agitando aquela cidade ricas batalhas de agua e soprando o vento com grande violencia. Na praia da costa do cabo de Santa Maria apareceu o casco de um barco desmontado

e sem camara, que se supõe pertencer a uma embarcação carregada de ferro, que ha anos alli encalhou a ficar submersa pelas águas da aluviação da costa. Fora da barra avistou-se um navio de alto bordo pedindo socorro.

Não é possível determinar a importancia dos prejuízos causados pelos ultimos temporais na freguesia de Chachapó; as chias e os fortes tudo tem destruído. Na ribeira de Odeteia morreram duas homens afogados, deixando sete filhos na orfandade.

Em Tomar, hora e meia, 6, grande temporal. Fata noite interceptaram-se as estradas de Payalve, Barquinha e Chão das Maçãs. O pessoal de obras publicas trabaha.

Nos arredores de Coimbra são grandes os prejuízos causados pelo temporal. Em Nazareth da Ribeira houve desabamento de casas, ficando sete completamente arrasadas.

A ponte sobre o Ave, que liga Senhor Tyro com o Pinheirinho abatou repentinamente, arrastando consigo muitas pessoas que passavam nequela occasião. Foram salvas três, desaparecendo as outras na corrente. A ponte já se achava deteriorada ha muito tempo.

Ante-hontem da tarde desabou parte de um telhado situado no beco do Faria Só, que servia de officina de cordelero.

A chuva caiu nos primeiros cinco dias deste mês já excede a medida de todo o mes de Janeiro nos ultimos 20 annos.

A crescente-se o muito que tem chovido nos dias 6 e 7, o pôde fazer-se idéa do diluvio que nos opõe.

E crevem da Chamusca com as datas de 8 e 9 :

Temos outra chuia, que deve ser tamanha como a de 5 de mes proximo passado. Nunca vi chuva tão pesada e tão continua. As águas do ribeiro que atravessam esta povoação, já inundaram umas poucas de ruas.

Os campos da Golegã acham-se debaixo d'água ate a terra; o rio continua encheando com força.

O comboio do correio chegou hontem de manhã com grande atraso.

No Porto o rio Douro tinha crescido consideravelmente de volume na quin-a-feira, a ponto de inundar as casas da rua da Ribeira. As ruas da Fonte, Tamisa e Miragaya, bem como o cais de Vill-Nova da Gama estavam tambem inundados.

Foram novamente inundadas as fábricas de alfandegues, não correndo porém risco da deterioração os poucos volumes de mercadorias que ali existem.

As barracas da Ribeira, destinadas à vendagem de frutos generos, foram mandadas retirar para a rua dos Ingleses, e as vendeadeiras que não possuem barracas estacionaram à entrada da rua de S. João.

A Companhia de Iluminação a Gaz no Porto está prevista com 1.000 candeeiros de petróleo para a iluminação d. cidade, caso as águas do rio invadam a sua fábrica de Ouro, para o que no referido dia faltava apenas um metro approximadamente.

No sexta-feira o rio Douro desceu sensivelmente. A corrente era, contudo, ainda impetuosa. Era de 9 milhas por hora e a sua altura de 3 metros approximadamente.

Em Barca d'Alva, no dia 8 à tarde, o volume das águas do rio era considerável.

Pombal, 6.—Há 24 horas que chove torrencialmente, sem cessar, sobre esta povoação, substando de alagar os campos. Dentro desta povoação tem-se desmoronado muitos muros. Em Santo António caiu quasi todo o armazém de sal do sr. J. Brito, e igual sorte teve no Bairro Novo uma casa acabada de construir.

No dia Corredoura, quasi em todas as lojas, têm rebentado grandes vasos, tendo os seus moradores de estar constantemente a ergotar-as. O rio Arunca tem levado uma cheia, como ha muito tempo não havia memoria; hoje, às 3 horas da tarde, cobria grande parte do Arredão, inundando quasi toda a propriedade do sr. Antonio Borges e outras. Na cheia tomou visto.

A hora em que escravo esta a chuva parou, e o Arunca começou a abandonar os campos que tinha inundado. Na Redinha, a 10 kilometros desta villa, suspendeu-se que os prejuízos montam a alguns contos de réis. Diz-se que uns das pontes daquella localidade que ameaçando ruina. As águas inundaram algumas casas, entrando também num celeiro d'onde levaram, quando se retiraram, os legumes que ali havia. A estrada, entre esta villa e o Loureiro está intratável. Em vários pontos circunvizinhos desta villa tem cedido, em muitas casas, que na maior parte são feitas de barro. Quando os seus habitantes reduzidos a miseria e expostos ao tempo por não terem onde se abrigar.

Em Caldas da Rainha foi tal o peso de agua que se juntou no sitio de meta lança, na estrada do Avenal, que cerca das 10 e meia da manhã produziu o desabamento de uma grande extensão de muro pertencente ao passo desta villa, e que faz parte das dependencias do hospital real. Na occasião de queda curiu-se uma grande detonação, rendo as pedras arremessadas a uma distancia de 40 metros proximamente. A cheia que produziu este desabamento media 2 metros. Este muro foi feito ha tres annos apena.

A antiga ponte sobre o rio Avenal está também ameaçando proximo desabamento; porém, sendo disto informada a camara, sabemos que já deu instruções para se lhe fazerem reparos provisórios, logo que as águas desçam. E' por este motivo digna de louvor a vereação.

Continuam sem interrupção as batalhas de chuva, tendo já demolido a estrada em alguns pontos, pelo que foi preciso hontem sair a carragem do correio com orchotes. Logo à saída desta villa, no sitio da Água Quente, abateu uma porção de muro, arrastando nele quase uma porção da estrada junto ao marco do quilometro 92.

Chegou para dirigir os reparos o zeloso fiscal de contornos sr. Felipe Fratão.